

*Alcione Nawroski*

**Cartas**  
para  
**Varsóvia**

*Escritas  
de Crianças  
no Entreguerras*

*Alcione Nawroski*

Cartas  
para  
Varsóvia

*Escritas  
de Crianças  
no Entreguerras*

| São Paulo | 2024 |



DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

N329c

Nawroski, Alcione -

Cartas para Varsóvia: Escritas de Crianças no entreguerras / Alcione Nawroski. – São Paulo: Pimenta Cultural, 2024.

Livro em PDF

ISBN 978-65-5939-977-2

DOI 10.31560/pimentacultural/2024.99772

1. Pedagogia de Janusz Korczak. 2. Educação e Infância.  
3. Direito das Crianças. 4. I Guerra Mundial. 5. II Guerra Mundial. I. Nawroski, Alcione. II. Título.

CDD: 370.323

Índice para catálogo sistemático:

I. Educação

II. Direitos Humanos

Simone Sales - Bibliotecária - CRB ES-000814/0

Copyright © Pimenta Cultural, alguns direitos reservados.

Copyright do texto © 2024 a autora.

Copyright da edição © 2024 Pimenta Cultural.

Esta obra é licenciada por uma Licença Creative Commons:

*Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional - (CC BY-NC-ND 4.0).*

Os termos desta licença estão disponíveis em:

*<<https://creativecommons.org/licenses/>>.*

Direitos para esta edição cedidos à Pimenta Cultural.

O conteúdo publicado não representa a posição oficial da Pimenta Cultural.

---

Direção editorial	Patrícia Bieging Raul Inácio Busarello
Editora executiva	Patrícia Bieging
Coordenadora editorial	Landressa Rita Schiefelbein
Assistente editorial	Júlia Marra Torres
Diretor de criação	Raul Inácio Busarello
Assistente de arte	Naiara Von Groll
Editoração eletrônica	Andressa Karina Voltolini Milena Pereira Mota
Imagens da capa	rawpixel.com - Freepik.com
Tipografias	Abril, Acumin, PF SignSkrip,
Revisão	Alcione Nawroski
Autora	Alcione Nawroski

---

**PIMENTA CULTURAL**  
São Paulo • SP  
+55 (11) 96766 2200  
[livro@pimentacultural.com](mailto:livro@pimentacultural.com)  
[www.pimentacultural.com](http://www.pimentacultural.com)



## PREFÁCIO

Como bisneta da Senhora Zofia Sychotda, uma das pupilas de Janusz Korczak, que por muitos anos viveu no orfanato *Nasz Dom* (Nosso Lar), apresento com grande entusiasmo este notável livro de Alcione Nawroski, "Cartas para Varsóvia escritas de crianças no entreguerras", aos leitores brasileiros. O livro vai muito além de simplesmente celebrar os feitos pedagógicos de Janusz Korczak; é um poderoso tributo à essência duradoura e à permanência do seu espírito naqueles dedicados à nobre causa da educação e ao cuidado dos mais pequenos. Que as memórias e o legado de Janusz Korczak não se apaguem, mas que suas marcas permaneçam indeléveis assim como marcam a história de minha família.

Os olhos da jovem Zofia Sychotda, carinhosamente chamada de Zosia, percebiam o mundo de forma única, entretanto, talvez não tão diferente da experiência das crianças de hoje, sobretudo aquelas que vivenciam os contextos bélicos. Zosia veio ao mundo em 1907, nascida em uma modesta família de operários poloneses. Se o tempo da infância é o tempo do brincar, para Zosia foi um tempo diferente. Desde muito jovem, ela testemunhou eventos que ultrapassavam a inocência e a vivência típica de uma criança.

O início do século XX trouxe consigo desafios avassaladores para aqueles que habitavam as terras polonesas. A cidade de Łowicz, onde Zosia veio ao mundo, estava sob a égide do chamado Reino da Polônia, parte integrante do vasto Império Russo. Quando Zosia tinha apenas 5 anos, seu pai, Jakub, faleceu tragicamente em um acidente ferroviário, deixando-a órfã de pai. Dois anos mais tarde, a Primeira Guerra Mundial eclodiu, colocando as terras onde a pequena Zosia residia sob o jugo das ocupações alemã e austro-húngara. Assim, Zosia se viu imersa no turbilhão da Guerra desde muito nova.

Em 1915, os poloneses e outros grupos étnicos dessa região foram deportados para o interior da Rússia. A jovem Zosia e sua mãe Karolina, se uniram a mais de 200 mil refugiados do *béženstvo* - uma evacuação em massa ocorrida durante a Primeira Guerra Mundial.<sup>1</sup> Em meio ao caos, deixaram para trás o Reino da Polônia, cientes de que jamais retornariam. - Por que estavam fugindo? - Foi por coerção ou escolha voluntária? São questões que permanecem como enigma. Talvez Karolina, ao ter que criar seus filhos sozinha, tivesse ouvido rumores difundidos pela máquina da propaganda czarista, narrativas sobre alemães hostis que incendiavam vilarejos inteiros e dizimavam mulheres e crianças. Esses sussurros poderiam ter chegado até ela, através de camponeses ou de padres ortodoxos. Outra possibilidade seria que Karolina, trabalhava em uma das fábricas cujos donos ordenavam a fuga imediata para a Rússia. Rumavam para o leste não apenas trabalhadores, mas também funcionários públicos, banqueiros e acadêmicos. A fuga ocorria de várias maneiras - a pé, de carruagem, de trem e até por navio ou a cavalo. A escassez de alimentos era uma realidade constante. Doenças como sarampo, tifo e cólera se alastravam rapidamente.

A jovem Zosia não tinha noção do que o futuro lhes reservava - poderiam ir para qualquer parte do vasto território do Império Russo. Aqueles com mais sorte encontraram refúgio nas margens do Rio Volga; os menos afortunados foram ainda mais longe, ultrapassando os Montes Urais ou até mesmo chegando à Sibéria. Infelizmente, Zosia e sua mãe não tiveram sorte - nenhuma entidade polonesa de auxílio conseguiu resgatá-las a tempo para evitar a deportação delas para o interior da Rússia. Provavelmente desembarcaram na estação de Dawlekanowo, a cem quilômetros de Ufa, vindas de trem e seguiram a cavalo ou a pé até chegar a Ufa, na região oeste dos Montes

1 A história de Zofia Sychofda está baseada em seu deslocamento forçado para a Rússia, sua estadia lá e seu retorno à Polônia, que foi reconstruída com base nas informações sobre os deslocamentos contidas no livro de Aneta Prymaka-Oniszk, „Bieżeństwo, 1915. Zapomniani uchodźcy”, Wydawnictwo: Czarne 2022.

Urais. Lá, assim como outros refugiados, encontraram abrigos em escolas, mosteiros e sinagogas. Zosia, desde jovem, tornou-se uma pequena refugiada, carregando consigo a memória angustiante da fuga. Inicialmente, receberam ajuda dos russos. Entretanto, a partir de 1916, a situação começou a mudar gradualmente; os habitantes locais se tornavam cada vez mais desconfiados e a hostilidade aos refugiados tornou-se constante com o desencadeamento da Revolução Bolchevique.

Em 1917, a Revolução de Fevereiro surgiu como um desafio ao regime do Czar Nicolau II Romanov. Entretanto, a guerra civil, caracterizada por sua brutalidade, violência, hostilidade e fome, não atingiu a cidade de Ufa imediatamente, mas um ano mais tarde.

Embora ainda não compreendesse as grandes mudanças que estavam por vir, Zosia vivera o trauma devastador da guerra civil. Seus olhos presenciaram o indizível, algo que nenhuma criança jamais deveria testemunhar: a morte constante. Os corpos dos falecidos jaziam pelas ruas, uma visão que ficara gravada na memória da Zosia.

A conquista dos bolcheviques marcou o início de uma longa jornada de retorno à Polônia. Inicialmente, entre os anos de 1918-1919, os que estavam mais próximos das fronteiras foram os primeiros a retornar. Aqueles que estavam no interior só conseguiram voltar após o desfecho da Guerra Polaco-Soviética, em 1921. Zosia e sua mãe encontravam-se entre esses retornados. A última parada em solo russo foi em São Petersburgo, de onde partiram de trem para Varsóvia. As lembranças da antiga capital do Império Russo, devastada pela guerra, ficaram cravadas em sua mente. Após uma exaustiva jornada, a pequena Zosia finalmente regressou à Polônia libertada, carregando consigo as marcas de uma história de vida turbulenta.

Quando Zosia retornou à Polônia, já estava com 16 anos. A casa que habitava antes da deportação havia desaparecido, deixando apenas lembranças. Foi então que a sua mãe, Karolina, tomou conhecimento de *Nasz Dom*, em Pruszków, na região metropolitana de

Varsóvia, inaugurada em 15 de novembro de 1919, pelo Departamento de Assistência à Criança Operária. Mas, por que Karolina decidiu enviar sua filha adolescente para uma instituição de crianças órfãs? Não sabemos ao certo, mas naquela altura, sua mãe devia estar com 56 anos, a cidade estava em ruínas e faltavam estruturas básicas de educação, saúde e moradia. Contudo, o “Nosso Lar” prometia, nas palavras de Korczak, “uma sociedade infantil fundamentada em princípios de justiça, fraternidade, direitos e deveres.”<sup>2</sup>

Após a independência da Polônia, Janusz Korczak estava consciente da participação das crianças para uma sociedade mais democrática, e por isso acreditava numa autogestão infantil, onde desde cedo as crianças tomassem conhecimento dos seus direitos e deveres. Sobre essa questão, o autor tratou com bastante maestria na parábola, espécie de Peter Pan polonês, “Rei Mateuzinho I”, que era uma referência para seus pupilos. Curiosamente, os filhos e netos de Zofia também cresceram ouvindo a histórias do monarca Mateuzinho. A narrativa do pequeno rei trata de temas como liderança, responsabilidade e coletividade.

O “Nosso Lar” dirigido por Falska e Korczak operava sob diversas estruturas organizacionais - plantões, ajuda voluntária, responsabilidades laborais, tarefas práticas escolares. Zofia lembrava com orgulho sobre as suas responsabilidades como “plantonista”, sendo incumbida pela limpeza da casa, cuidado das crianças, preparação de refeições e assistência aos enfermos. Os plantões eram contabilizados como conquistas individuais, recompensados com um “cartão postal comemorativo”. Zosia acumulou até quatro desses cartões, um deles recebido no outono de 1922 por ter se levantado cedo durante 91 dias consecutivos.

Korczak enfatizava também a importância da autoavaliação e avaliação dos demais colegas. Conduzia plebiscitos nos quais os

alunos avaliavam os novatos, recém-chegados. Zofia participou de um desses plebiscitos sobre o indisciplinado Leonardo, onde corajosamente criticou o garoto por suas ofensas maliciosas e comportamentos inadequados na casa.<sup>3</sup>

Em 1925, o “Nosso Lar” estabeleceu um limite de idade entre 7 e 15 anos para a educação. Nesse momento, Zofia já contava com 20 anos. Para permanecer na instituição, ela teve que obter a autorização do Conselho da Casa. Matriculada em um convento de formação de professores para escolas primárias, seu pedido foi aprovado. Ela conseguiu permanecer por mais alguns anos. Em 1927, “Nosso Lar” foi realocada de Pruszków para o bairro de Bielany, em Varsóvia. Zofia continuou lá, contribuindo no cuidado das crianças. Semanalmente, Korczak os visitava para abordar uma série de questões relativas à educação dos pequenos. Foi em 1931, que Zofia se casou, iniciando assim sua própria família.

Quais eram as lembranças que Zofia tinha de Janusz Korczak? A imagem dele como um pai dedicado às crianças foi pintada com ternura e admiração nas suas memórias dos tempos que ela viveu no “Nosso Lar”. A abordagem amorosa e atenciosa dele, sua devoção incansável às crianças e seu comprometimento com a pedagogia marcaram suas memórias. Cada vez que Korczak visitava a casa, distribuía doces aos pupilos, os consultava, media e pesava, conversava com eles e dedicava bastante tempo a cada um deles. À medida que o tempo passava, Zofia compreendia cada vez mais a magnificência do pedagogo que Janusz Korczak era. O retrato que ela guardava dele não apenas revelava a profundidade de seu amor pelas crianças, pelas quais ele sacrificou a própria vida, mas também demonstrava sua habilidade excepcional de inspirar e moldar mentes jovens, mostrando-se como um modelo exemplar de educador.

Como Janusz Korczak influenciou Zofia? Ela adentrou a vida adulta como uma mulher consciente, responsável e justa. Sua decisão de seguir os passos do seu mestre demonstrou a força e a convicção que ela absorveu da sabedoria dele. No período pós-guerra na Polônia, optou por dedicar-se ao ensino de matemática e história. Trabalhou na Escola Primária Pública n. 1, em Skierniewice. Durante seus 84 anos de vida, ela atravessou momentos desafiadores, sobrevivendo as duas Guerras, à tragédia da morte de Janusz Korczak e Maryna Falska, à Guerra Fria, à República Popular da Polônia, à lei marcial e às complexas negociações da Mesa Redonda em 1990. Zofia faleceu tranquilamente enquanto dormia em sua casa, no ano de 1991, pouco após a Polônia conquistar sua independência definitiva.

Interessante destacar que suas duas filhas também seguiram o caminho da docência e trabalho com crianças – Minha avó Wanda lecionou matemática e sua irmã Barbara tornou-se pediatra. Eu, como bisneta também escolhi a missão de ensinar – honrando e preservando a tradição feminina da educação iniciada por minha bisavó, Zofia Sychołda que foi influenciada por Janusz Korczak. Como integrante da quarta geração de Zofia que encontrou abrigo em “Nosso Lar”, sinto-me profundamente conectada ao legado deixado pelo educador. Em parte, devo a Janusz Korczak o lugar que ocupo hoje no mundo. Enfim, a história de Zofia não é apenas para elucidar uma homenagem a Janusz Korczak, mas também uma prova da continuação do seu legado. É com imensa comoção e gratidão que escrevo este prefácio, o qual permitiu recordar a história de minha bisavó e assim faço um convite caloroso para a leitura do livro.

Varsóvia, 23 de dezembro de 2023.

Agata Błoch

Figura 1 - Cartão postal recebido de Janusz Korczak por ter se levantado cedo durante 91 dias consecutivos.

